

O TESTE DO DESENHO DA FIGURA HUMANA EM CRIANÇAS COM E SEM QUEIXAS DE AGRESSIVIDADE: ESTUDO PILOTO

THE HUMAN FIGURE DRAWING TEST IN CHILDREN WITH AND WITHOUT AGGRESSIVENESS: PILOT STUDY

Caroline Meneghin Mansur

Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento (ITCR)

Rauni Jandé Roama Alves

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Tatiana de Cássia Nakano

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Sylvia Maria Ciasca

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

O Desenho da Figura Humana (DFH), teste passível de avaliar aspectos cognitivos, emocionais e de personalidade, é uma ferramenta muito utilizada internacionalmente. Contudo, no Brasil sua aplicação é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia apenas para avaliação de desenvolvimento cognitivo. Os estudos de validação para a avaliação de aspectos emocionais ainda encontram-se em desenvolvimento e com o presente trabalho esperou-se obter novos dados a esse respeito. Objetivou-se nessa pesquisa comparar o desempenho no DFH (sistema Wechsler), enquanto medida cognitiva, de grupos de crianças com (n=17) e sem queixa de agressividade (n=14), a fim de verificar possíveis indicadores que funcionassem também enquanto representativos de aspectos emocionais, mais especificamente a agressividade. O projeto contou com três fases. Na primeira, foram selecionadas crianças com e sem queixa de agressividade, por indicação de seus professores. Em seguida, foi aplicado o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven em ambos os grupos, a fim de selecionar aquelas crianças que possuíam inteligência dentro ou acima da média. Na terceira fase foi aplicado o DFH nas crianças selecionadas. Verificou-se que houve diferenças estatísticas entre os grupos no item Vestimenta da Figura Feminina (p=0,019), no total da Figura Feminina (p=0,026) e no Total Bruto do teste (p=0,044), com pior desempenho do grupo com queixas. A possível existência de indicadores representativos da agressividade no modelo tipicamente utilizado como avaliação cognitiva foi especulada.

Palavras-chave: Desenvolvimento Emocional; Desenvolvimento Cognitivo; Psicometria; Avaliação Psicológica

ABSTRACT

The Human Figure Drawing (HFD), test capable of evaluating cognitive, emotional and personality, is a widely used tool internationally. However, in Brazil, its application is only recognized by the Federal Council of Psychology to access cognitive development. The validation studies about its emotional aspects are still in development and what this work was expected to generate new data in this respect. This study aimed to compare the performance in HFD (Wechsler system), as a cognitive measure, of groups of children with (n=17) and without complaints of aggression (n=14). The project had three phases. At first, we selected children with and without aggressiveness, recommended by their teachers. Then the Raven's Coloured Progressive Matrices Test was applied in both groups, in order to select those children who had intelligence within or above average. In the third phase, the HFD was applied to the selected children. It was found that there were statistical differences between the groups in item Female Likeness of Clothing (p=0,019), in total of Female Figure (p=0,026) and Total test (p=0,044), with worse performance of the group with complaints. The possible existence of representative indicators of aggression typically used in the model as a cognitive assessment was speculated.

Keywords: Emotional Development; Cognitive Development; Psychometrics; Psychological Assessment

1 – INTRODUÇÃO

A agressividade pode ser definida, brevemente, como um conjunto de comportamentos que firmam o outro tanto física como emocionalmente (SISTO et al, 2008). Sua expressão depende de uma série de fatores, notadamente de origem biológica, ambiental, psicológica e social (MENDES et al, 2009; SISTO; SILVEIRA; CECILIO-FERNANDES, 2012; VIEIRA; MENDES; GUIMARAES, 2010).

No entanto, convém destacar dificuldades na identificação desse fenômeno e a falta de testes validados nacionalmente para avaliação de crianças (GOMES; CREPALDI; BIGRAS, 2013). Em recente pesquisa de revisão publicada por Borsa e Bandeira (2011), resultados mostraram que dentre os instrumentos mais utilizados estavam o Child Behavior Checklist (CBCL) (ACHENBACH, 1991; 2001) (n=8), a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens (SISTO; BAZI, 2000) (n=5) e a Escala Comportamental de Rutter A2 (ECI) (GRAMINHA, 1996) (n=3). As autoras apontaram o frequente uso de instrumentos (em 56% dos estudos) que não avaliavam especificamente a agressividade para acessar tal construto, mas problemas de comportamento e de competências sociais de uma maneira ampla. Além disso, verificaram a preocupante falta de estudos de evidências de validade para praticamente todos os instrumentos analisados.

Borsa e Bauermann (2013) apontam a importância da construção de instrumentos validados para a avaliação da agressividade, assim como o desenvolvimento de estudos de busca por evidências de validade daqueles já existentes. Um dos testes que se encontram validados em outros países para esse tipo de avaliação é o Teste Desenho da Figura Humana (DFH) (MATTO; NAGLIERI; CLAUSEN, 2005).

De acordo com Wechsler (2002), o DFH é tido classicamente como instrumento de avaliação do desenvolvimento cognitivo infantil, mas pode também possuir correções que visam a

avaliação de aspectos criativos, projetivos, de personalidade e emocionais. Especificamente as pesquisas iniciais sobre esse último aspecto podem ser datadas entre as décadas de 1930 e 1940, quando diversos pesquisadores, ao estudarem indicadores cognitivos, observaram a presença de elementos diferenciados nos desenhos de crianças que apresentavam dificuldades emocionais (SEGABINAZI, 2010; WITKIN, 1961).

A partir disso, diferentes modelos para avaliação emocional foram criados tendo, em sua maioria, uma perspectiva psicanalítica projetiva de interpretação (KLEPSCH; LOGIE, 1984; MACHOVER, 1949). No entanto, a ausência de estudos de evidências de validade de critério, somada a um grande número de interpretações aleatórias dos possíveis indicadores emocionais e, dessa forma, a uma inexistência de um sistema de pontuação padronizado, foram amplamente criticadas pela comunidade científica em anos subsequentes (CRAIG; OLSON; SAAD, 2002). Até os dias atuais, muitos pesquisadores da área defendem que ainda não foram encontrados elementos empíricos que os comprovem (SEGABINAZI; BANDEIRA, 2012).

Uma das mais importantes propostas de sistematização foi o modelo elaborado por Koppitz (1966), que utilizou-se de uma abordagem psicométrica para seus parâmetros de correção e não o modelo psicanalítico. A autora verificou a partir de seus estudos e elaborou uma escala piloto para agressividade que envolvia a análise da presença dos seguintes indicativos como representativos dessa característica: olhos estrábicos, dentes, braços longos, mãos grandes e genitais, figura pequena, omissão da boca e omissão do nariz. Em estudo nacional realizado por Bartholomeu (2005), foram correlacionados esse modelo com características de personalidade. O autor verificou somente a presença de sombreado de mãos e/ou pescoço e omissão das mãos enquanto correlacionados a sentimentos de

ansiedade e comportamentos de impulsividade e agressão.

Outro modelo também bastante divulgado na literatura científica foi o desenvolvido por Naglieri, McNeish e Bardos (1991), construído a partir da daqueles critérios formulados por Koppitz mais os de Machover. Dentre os itens avaliados, 10 referem-se às omissões de partes do corpo, 5 estão relacionados com sombreamentos em diferentes regiões, 3 referem-se às posições inconsistentes dos membros do corpo, 3 estão relacionados com falhas de integração, e os demais itens são referentes a símbolos ou figuras agregadas ao desenho principal. Como exemplo de itens de correção, podem ser citados o local em que o desenho foi feito na folha, tamanho da figura, presença e ausência de cabeça e do corpo e sombreamentos. Em estudo nacional, desenvolvido por Wechsler et al (2011), foram verificados critérios de corte que pudessem subsidiar a seleção de itens adequados para a indicação de problemas emocionais de acordo com sexo da criança, idade, tipo da figura desenhada e tipo de escola.

Dentre outros estudos que propuseram itens como representativos da agressividade, pode-se citar primeiramente o realizado por Van Kolck (1972), no qual verificou que dedos compridos estavam associados a esse tipo de comportamento. Já Van Hutton (1994) encontrou a presença dentes, linha pesada, desenhos grandes, grande assimetria entre membros, dedos em forma de garra, ênfase em caracteres faciais, dedos sem mãos e ombros quadrados. Por sua vez, os estudos de Hammer (1991) resultaram no tamanho grande da figura e a localização não centralizada seriam possíveis indicadores. Em investigações mais atuais, como o realizado por Esteves, Alves e Castro (2008) que buscou identificar indicadores de agressividade em uma população de homens que haviam cometido delitos, foi encontrado em alta frequência as seguintes características: figuras com braços e pernas abertos, boca representada por uma única linha,

fechada, dedos saindo direto dos braços sem as mãos, boca com forte pressão do lápis e tronco de formato anguloso, com pontas agudas.

Ao nos reportarmos especificamente a trabalhos realizados com crianças com queixas de agressividade, pode-se citar o realizado por Santos et al (2010). Os autores verificam que houve a presença significativa estatisticamente, em crianças institucionalizadas com queixas de agressividade, somente ausência de mãos. Em investigação realizada por Bauermann (2012), os seguintes itens foram encontrados com maior frequência em grupo de crianças agressivas: figura humana grotesca, presença de figuras de fundo, localização esquerda da página, braços juntos ao tronco, pernas unidas e presença de bolsos.

A partir desses dados, verifica-se que alguns indicadores se repetem entre os estudos, como no caso do desenho de figuras grandes, a presença de dentes e detalhes nas mãos (presença ou ausência de dedos, tamanhos diferenciados), mas de forma inconstante, que podem ser explicáveis muitas vezes por questões metodológicas diferenciadas que permeiam as pesquisas. Por tal motivo mostrou-se de extrema relevância a condução de estudos cada vez mais frequentes sobre a área a fim de que esses dados sejam confirmados, elaborados ou mesmo descartados, principalmente em âmbito nacional em que são escassos esses tipos de investigação (BORSA; BAUERMAN, 2013; SEGABINAZI; BANDEIRA, 2012).

Importante ressaltar o fato de que, até a presente data, nenhuma proposta de normatização do DFH como medida emocional atende aos critérios mínimos exigidos para publicação (Resolução CFP nº 2/2003, 2003). Seu reconhecimento enquanto teste de avaliação psicológica no Brasil limite-se até o momento às interpretações de desenvolvimento cognitivo. São dois os instrumentos aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia (SATEPSI): (a) DFH para avaliação do desenvolvimento cognitivo de crianças brasileiras (WECHSLER, 2003) e (b) DFH Escala Sisto (SISTO, 2005).

Como visto, o DFH pode acessar inúmeras características psicológicas, logo, é permeado por diversas variáveis que podem influenciar na forma como a pessoa irá realizar o desenho. De maneira lógica, pode interferir na avaliação de um determinado construto e maquiar determinados resultados. Uma saída para esse problema são os estudos de validade de critério, que permitem a comparação de diversificados grupos e a identificação de desempenhos característicos a eles, como, por exemplo: verificar o desempenho de deficientes intelectuais quando comparados a um grupo sem essa característica no modelo de correção emocional do DFH; o desempenho de algum transtorno motor a partir do modelo de correção projetivo; o desempenho de algum transtorno emocional no modelo de correção cognitiva; entre outros.

Dessa forma, os problemas de pesquisa que permearam o presente trabalho foram: a agressividade poderia interferir nos resultados obtidos no DFH através de uma avaliação tipicamente cognitiva? Indicadores validados – como indicativos de aspectos cognitivos – poderiam ser também representativos de aspectos emocionais, mais especificamente a agressividade? Logo, o objetivo do presente trabalho foi o de comparar o desempenho de dois grupos de crianças, com e sem queixa de agressividade, utilizando-se do Teste Desenho da Figura Humana, sistema Wechsler (2003) de avaliação cognitiva, a fim de se verificar possíveis respostas a essas questões.

Faz-se importante ressaltar nesse momento que enquanto delineamento da presente pesquisa foi estipulada a administração prévia de um teste de inteligência (Matrizes Progressivas Coloridas de Raven) anteriormente a comparação dos grupos. Esse critério foi estabelecido a fim de que fossem comparadas crianças que possuíssem desempenho intelectual semelhante previamente realizado por outro instrumento. Partiu-se da hipótese de que esse desempenho pudesse influenciar os resultados da comparação intergrupo dos indicadores do próprio DFH-III,

que tem como base de correção aspectos relativos ao desempenho cognitivo/intelectual. Desse modo, buscou-se verificar mais controladamente possíveis influências da variável emocional agressividade sob os indicadores tipicamente cognitivos.

2 – MÉTODO

Participantes

Uma amostra composta por 31 crianças de uma Escola Municipal de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, dividida em dois grupos: caso e não caso, cujos critérios de seleção estão apresentados na seção “procedimentos”. O grupo com queixas de agressividade (G1) foi composto por 17 crianças, 94,1% do gênero masculino (n=16), com idades entre 9 anos e 3 meses e 11 anos e 2 meses (média=10,1; DP=0,55), estudantes do 4o ano (11,8%; n=2) e 5o ano (88,2%; n=15) do Ensino Fundamental. Já o grupo sem queixas de agressividade (G2) foi composto por 14 crianças sem queixas de agressividade, sendo 92,9% do gênero masculino (n=13), com idades variando de 9 anos e 1 mês a 10 anos e 8 meses (média=10,1; DP=0,47), com 14,3% (n=2) cursando o 4º ano e 85,7% (n=12) o 5º ano. A fim de se verificar a equivalência entre os grupos, em relação à distribuição por gênero, idade e escolaridade, foram realizadas análises estatísticas que não indicaram diferenças significativas entre eles. Para o gênero foi utilizado o teste exato de Fisher (p=0,708), para idade empregou-se o teste de Mann-Whitney (U=117,000; p=0,953) e para série o teste exato de Fisher (p=0,622).

Instrumentos

Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR) (ANGELINI et al, 1999). Teste não-verbal de inteligência destinado a crianças entre cinco e 11 anos e oito meses. É composto por três séries (A, Ab e B) com 12 itens em cada uma, que, somadas, geram o escore geral. Tais séries são ordenadas por dificuldade crescente. Fornece como interpretações de desempenho:

“intelectualmente deficiente”, “definidamente abaixo da média na capacidade intelectual”, “intelectualmente médio”, “definidamente acima da média na capacidade intelectual” e “intelectualmente superior”. Sua aplicação pode ser realizada tanto individual quanto coletivamente e tem duração média de 15 minutos. O MPCR foi padronizado através de uma versão inglesa de 1956. Por meio de análises de variância e teste “t”, influência das variáveis idade, sexo, escolaridade e tipo de escola ($p \leq 0,001$), sendo essa uma das diversas evidências de validade encontradas para o teste.

O teste se mostrou preciso, com correlações por item-total variando entre 0,3 e 0,8 dependendo do grupo investigado, classificando-se a consistência interna do teste como satisfatória.

Desenho da Figura Humana (DFH – III) (WECHSLER, 2003). Teste que avalia o desenvolvimento cognitivo de crianças entre cinco e doze anos de idade. Por meio do desenho de uma figura masculina e outra feminina são avaliados 58 indicadores de desenvolvimento em cada uma delas. O DFH-III oferece as seguintes classificações de desempenho dos sujeitos, de acordo com a amostra normativa: “deficiente”, “fronteiriço”, “abaixo da média”, “média”, “acima da média”, “superior” e “muito superior”.

A aplicação pode ser realizada de maneira individual ou coletiva e demanda, aproximadamente, 20 minutos. Nos estudos de validade e precisão, foram verificados, através da ANOVA, efeitos significativos (com variação entre $p \leq 0,01$ e $p \leq 0,001$) para as variáveis sexo, sexo da figura e faixa etária, e suas interações, o que demonstrou a necessidade de normas de correção separadas para cada uma delas. O alfa de Cronbach apontou níveis altos de correlação entre os itens, variando de $r=0,76$ a $0,88$, o que demonstra a precisão do teste.

Procedimentos

Primeiramente os pesquisadores entraram em contato com uma escola. A diretora assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE), permitindo que o estudo fosse realizado. Em seguida, a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e, após sua aprovação, iniciou-se a aplicação da pesquisa, dividida em três fases:

Fase 1: Em reunião realizada com os professores, esses selecionaram dentre seus alunos aqueles que, em sua avaliação, apresentavam sinais de agressividade para formar o G1. Tais sinais foram mais especificamente investigados a partir de quatro principais perguntas: (a) a criança foi autora, nos últimos dois meses, de duas ou mais situações de agressões físicas e/ou psicológicas (ameaças, bullying, humilhações, etc.) com seus colegas de classe? (b) a criança foi autora, nos últimos dois meses, de duas ou mais situações de agressões físicas e/ou psicológicas (ameaças, humilhações, etc.) com algum de seus professores? (c) a criança foi autora, nos últimos dois meses, de duas ou mais situações de agressões físicas e/ou psicológicas (ameaças, humilhações, etc.) com algum dos funcionários da escola? (d) se havia conhecimento de a criança ser autora, nos últimos dois meses, de duas ou mais situações de agressões físicas e/ou psicológicas (ameaças, humilhações, etc.) com algum de seus familiares? Caso houvesse resposta afirmativa a duas ou mais questões a criança era incluída na pesquisa. Concomitantemente, foram identificadas crianças sem queixa de agressividade (que possuíam resposta negativa as quatro questões de investigação de agressividade) para compor o G2, foi tomado o cuidado de selecionar crianças que possuíam idade e gênero o mais semelhante possível com a das crianças identificadas com queixa, a fim de já se buscar certo balanceamento entre os dois grupos. Nessa fase foram assinados os TCLE’s dos professores e estes encaminharam os TCLE’s aos pais ou responsáveis para serem assinados, assim como o Termo de Assentimento destinado às crianças maiores de 10 anos. Somente após todas as assinaturas terem sido coletadas, sendo esse mais um critério de inclusão na pesquisa, é que se iniciou a aplicação dos testes utilizados no

estudo. Após esses procedimentos, no total, nessa fase, o G1 ficou composto por 23 crianças e o G2 por 18.

Fase 2: Aplicou-se o teste MPCR, de maneira individual, tanto nas crianças do G1 quanto nas do G2, em uma sessão de aproximadamente 15 minutos. Por meio desse teste foram identificadas as crianças que apresentavam inteligência dentro ou acima da média (percentil maior que 40 pontos), sendo somente essas preconizadas a participar da terceira fase do trabalho (esse foi mais um critério de inclusão dos sujeitos em ambos os grupos). A partir dessa avaliação, o G1 ficou composto por 17 crianças e o G2 por 14.

Fase 3: Consistiu na aplicação do DFH-III, também realizada de maneira individual, tanto no G1 quanto no G2, em sessão de, aproximadamente, 20 minutos.

O critério de exclusão para ambos os grupos foi a desistência da participação ao longo de qualquer momento da aplicação da pesquisa.

Em seguida, a análise dos dados obtidos foi realizada, a fim de se identificar se houve diferença significativa de desempenho entre os grupos com e sem queixa de agressividade. Para isso, utilizou-se estatística descritiva (frequência, média, desvio padrão, pontuação mínima e máxima) e inferencial (comparações intergrupos através de testes não paramétricos para amostras independentes) por meio de

Planilha do Programa IBM SPSS Statistics 20.0 for Windows® (Statistical Package for Social Sciences) (SPSS Inc, Chicago, IL, USA, 2008). Considerou-se valor de $p < 0,05$ enquanto indicativo de significância nas análises de comparação entre os grupos.

3 – RESULTADOS

Em análise inicial, ao se comparar os pontos brutos e os percentis (foram investigadas ambas pontuações afim de que houvesse uma análise mais completa dos dados), assim como as classificações obtidas no instrumento MPCR entre ambos os grupos, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Desse modo, nesse instrumento utilizado como controle, os grupos se mostraram equivalentes em termos de nível de inteligência. Em análise da magnitude do efeito das diferenças (*d* de Cohen) foi verificado o valor de 0,02 para a comparação dos pontos brutos e 0,13 para os pontos ponderados. Os valores de referência para esse tipo de análise foram: $< 0,30$ como pequeno efeito; 0,40-0,70 como médio; $> 0,80$ como grande. No presente caso, observou, então, pequeno efeito em ambas as comparações. A estatística descritiva e inferencial dos dados obtidos no MPCR encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1: Pontos brutos, percentil, classificação por grupo (caso e não caso) no teste MPCR

MPCR	G1		G2		Diferença entre os grupos
	M	DP	M	DP	
Pontos brutos	26,70	3,94	26,78	3,55	$U=115,500$; $p=0,891^a$
Percentil	70,82	19,12	73,21	17,27	$U=110,500$; $p=0,739^a$
Classificações	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	
Superior	1	5,9	-	-	
Acima da média	9	52,9	7	50,0	$\chi^2=0,969$; $p=1,000^b$
Média	7	41,2	7	50,0	

Legenda: M=Média; DP=Desvio-padrão; a=Mann-Whitney; b=Qui-quadrado; f= Frequência; %= Porcentual

Em seguida, todos os itens que compõem o modelo de avaliação do instrumento foram analisados, fazendo-se uso da estatística descritiva e inferencial. Considerando-se o número elevado de dados a serem apresentados, os pesquisadores optaram por apresentar somente os resultados dos itens totais que compõem o teste nas Tabelas 2 e 3, por exemplo, está apresentado o total do item cabeça, sem os valores dos subitens presença e proporção que o compõem. Quando tais subitens apresentaram diferenças entre os grupos os resultados foram descritos durante o texto.

Na Tabela 2 é possível observar as médias e os desvios-padrões de ambos os grupos, em cada item avaliado no DFH-III para o desenho

feminino. Além disso, observa-se também a comparação dessas médias entre os grupos, realizada por meio do Teste Mann-Whitney. Verificou-se que as diferenças entre os grupos se mostraram significativas no item “vestimenta” (com expressiva diferença verificadas pelo d de Cohen) e no subitem “roupas femininas” (G1: M=2,41, DP=1,22; G2: M=3,71, DP=1,32) que o compõe (teste Mann-Whitney; U=71,500; p=0,059) (também com grande magnitude de efeito; d de Cohen=1,03). Também foram observadas diferenças significativas na pontuação total bruta e no percentil entre os grupos, com grande magnitude de efeito entre as diferenças.

Tabela 2: Média, Desvio Padrão e comparação entre grupos G1 e G2 no DFH-III para a Figura do Sexo Feminino

Itens	G1 (n=17)	G2 (n=14)	Teste Mann-Whitney	p	d de Cohen
	M (DP)	M (DP)			
Cabeça	1,82 (0,39)	1,71 (0,46)	106,000	0,625	-0,26
Cabelo	2,23 (0,83)	2,71 (0,61)	80,000	0,128	0,65
Olhos	2,94 (1,47)	2,57 (1,50)	102,500	0,518	-0,25
Nariz	1,58 (0,87)	1,42 (0,85)	111,000	0,769	-0,19
Boca	1,35 (0,70)	1,00 (0,00)	91,000	0,279	-0,68
Orelha	0,05 (0,24)	0,14 (0,53)	117,00	0,953	0,23
Pescoço	1,64 (1,32)	2,14 (1,23)	91,500	0,279	0,39
Rosto	1,47 (0,87)	1,92 (0,73)	87,500	0,215	0,56
Mãos	1,76 (1,20)	2,14 (0,86)	100,500	0,468	0,36
Braços	3,41 (0,71)	3,92 (0,99)	83,500	0,161	0,60
Ombros	0,17 (0,39)	0,42 (0,51)	89,000	0,246	0,56
Pernas	2,41 (0,87)	2,64 (0,74)	98,500	0,421	0,28
Pés	2,41 (1,06)	2,78 (0,80)	99,500	0,444	0,39
Tronco-corpo	2,17 (0,39)	2,42 (0,51)	89,000	0,246	0,56
Quadril	0,05 (0,24)	0,07 (0,26)	117,500	0,953	0,08
Coordenação Motora	1,35 (0,78)	1,50 (0,51)	112,000	0,799	0,22
Vestimenta	2,41 (1,22)	3,71 (1,32)	60,000	0,019*	1,03
Total Bruto	29,35 (4,62)	33,35 (3,81)	63,000	0,026*	0,94
Percentil	36,58 (20,27)	57,71 (21,22)	60,000	0,019*	1,02

Legenda: M=Média; DP= Desvio Padrão; *diferença significativa com p≤0,05

O mesmo tipo de análise foi realizado para a figura do sexo masculino. Na Tabela 3 é possível observar as médias dos itens e seus respectivos desvios-padrões de ambos os grupos. Por meio do Teste Mann-Whitney,

todas as médias obtidas na figura masculina foram comparadas e não foram encontradas diferenças significativas em nenhum dos itens ou subitens.

Tabela 3: Média, Desvio Padrão e comparação entre grupos G1 e G2 no DFH-III para a Figura do Sexo Masculino

Itens	G1 (n=17)	G2 (n=14)	Teste Mann-Whitney	p	d de Cohen
	M (DP)	M (DP)			
Cabeça	1,35 (0,49)	1,50 (0,51)	101,500	0,493	0,30
Cabelo	2,00 (1,36)	2,35 (1,27)	98,500	0,421	0,27
Olhos	2,82 (1,42)	3,57 (1,39)	84,500	0,173	0,51
Nariz	2,00 (0,86)	1,50 (0,85)	107,500	0,653	-0,58
Boca	1,00 (0,35)	1,14 (0,53)	110,500	0,739	0,32
Orelha	0,23 (0,56)	0,64 (0,92)	94,000	0,336	0,55
Pescoço	1,76 (1,09)	2,00 (1,03)	104,000	0,570	0,23
Rosto	0,70 (0,46)	0,71 (0,46)	118,000	0,984	0,02
Queixo	1,35 (0,93)	1,35 (0,74)	113,000	0,830	0,00
Mãos	2,41 (0,50)	2,14 (0,53)	90,500	0,262	-0,53
Braços	3,70 (1,40)	3,92 (0,47)	105,500	0,597	0,20
Ombros	0,94 (0,74)	1,28 (0,61)	88,500	0,230	0,50
Pernas	3,17 (1,01)	3,50 (0,51)	91,000	0,279	0,40
Pés	2,29 (0,68)	2,64 (0,49)	86,500	0,200	0,58
Tronco-corpo	2,35 (0,49)	2,35 (0,49)	118,500	0,984	0,00
Coordenação Motora	1,58 (0,61)	1,35 (0,63)	94,000	0,336	-0,37
Perfil e Frente	0,41 (0,50)	0,50 (0,51)	108,500	0,681	0,18
Vestimenta	2,70 (0,91)	2,71 (0,91)	117,000	0,953	0,01
Total Bruto	32,58 (5,74)	35,28 (3,62)	83,000	0,161	0,55
Percentil	46,70 (24,21)	60,92 (17,91)	75,500	0,084	0,66

Legenda: M=Média; DP= Desvio Padrão.

Em relação ao total do DFH-III, o G1 obteve média de 61,94 (DP=9,67) para a Pontuação Bruta e de 42,35 (DP=22,42) para o Percentil, enquanto o G2 obteve média de 68,64 (DP=6,66) para a Pontuação Bruta e de 59,42 (DP=20,36) para o Percentil. Ao comparar os dois grupos, utilizando-se o Teste Mann-Whitney, foram encontradas diferenças estatísticas entre eles ($U=68,500$, $p=0,044$, para o Total Bruto; $U=69,000$, $p=0,048$, para o Percentil), com média magnitude de efeito (d de Cohen=0,79 para a comparação da Pontuação Bruta e para a Ponderada). Considerando-se o tamanho reduzido da amostra, assim como o critério rígido utilizado para determinação da significância ($p \leq 0,05$), convém especular acerca da possibilidade de existência de Erro tipo II na estimativa do efeito das variáveis consideradas, com possíveis efeitos reais tendo sido descartados. Desse modo, recomenda-se estudos futuros em que haja amostras maiores e melhor controle de outras variáveis psicológicas por outros instrumentos (como a agressividade),

de forma a confirmar ou não os resultados aqui apresentados.

Em seguida, as classificações obtidas pelos grupos na figura feminina, na figura masculina e no total do teste foram também analisadas. As frequências e porcentagens obtidas em cada grupo são apresentadas na Tabela 4. Para a comparação de tais classificações entre o G1 e G2 foi utilizado o teste exato de Fisher. Os resultados mostraram a existência de diferenças estatisticamente relevantes entre os grupos na classificação obtida na figura feminina ($p=0,021$), com pior desempenho do G1 (por exemplo, esse grupo obteve classificações “abaixo da média” ($n=6$) e “fronteiriço” ($n=1$), enquanto o G2 não obteve nenhuma dessas classificações). O mesmo não ocorreu em relação à figura masculina, cujas diferenças não foram significativas ($p=0,815$). Em relação à classificação total da figura humana, também não foram encontradas diferenças entre os grupos ($p=0,515$).

Tabela 4: Classificações obtidas pelos grupos G1 e G2 no DFH-III para a Figura do Sexo Feminino e Masculino e Total

Classificação	G1			G2		
	Fig. Fem. <i>f</i> (%)	Fig. Mas. <i>f</i> (%)	Total <i>f</i> (%)	Fig. Fem. <i>f</i> (%)	Fig. Mas. <i>f</i> (%)	Total <i>f</i> (%)
Superior	-	1 (5,9)	-	-	1 (7,1)	1 (7,1)
Acima da Média	1 (5,9)	2 (11,8)	1 (5,9)	4 (28,6)	2 (14,3)	2 (14,3)
Média	9 (52,9)	12 (70,5)	13 (76,4)	10 (71,4)	11 (64,7)	11 (64,7)
Abaixo da Média	6 (35,3)	-	1 (5,9)	-	-	-
Fronteiriço	1 (5,9)	2 (11,8)	2 (11,8)	-	-	-
Total	17 (100,0)	17 (100,0)	17 (100,0)	14 (100,0)	14 (100,0)	14 (100,0)

Legenda: *f*= Frequência; %= Porcentual

4 - DISCUSSÃO

Os resultados da presente pesquisa apontam que, na amostra estudada, foram encontradas algumas diferenças estatisticamente relevantes no teste DFH-III entre as crianças do G1 e do G2, sendo: na pontuação total da figura feminina, assim como na classificação referente a esse total, e na vestimenta dessa figura; nas pontuações obtidas no total do teste, mas não em sua classificação referente. Em todos esses dados, o G1 apresentou desempenho inferior.

Os dados encontrados especificamente para o item “vestimenta” e seu subitem “roupas femininas”, ambos no desenho da figura feminina, concordam com os estudos empíricos nacionais realizados por Arteché (2006) e Oliveira (2013). Nesses dois estudos foi encontrado a vestimenta da figura feminina menos elaborada em crianças de grupos clínicos com queixas de comportamentos inadequados, impulsividade, agressividade, etc. É importante ressaltar que, por questões metodológicas, ambos os estudos não analisaram especificamente um grupo com queixas específicas de agressividade, logo, outras variáveis, como os outros comportamentos citados, podem ter interferido nesses resultados e generalizações devem ser cuidadosas. De toda forma, de acordo com a hipótese levantada pelos pesquisadores, a ausência de determinados indicadores cognitivos/desenvolvimentais funcionaria como indicadores emocionais, como, por exemplo, mas não somente, os itens

encontrados no presente de trabalho e também encontrados por eles.

Por outro lado, em revisão internacional realizada por Skybo, Ryan-Wenger e Su (2007) sobre o DFH, mais especificamente sobre a avaliação emocional, os autores não encontraram essa possível relação com as vestimentas. Em revisão realizada para a presente pesquisa também não foram identificados outros estudos que apontassem os mesmos resultados aqui encontrados, a não ser os dois nacionais citados no parágrafo anterior. Os indicadores que mais se repetiram foram a realização de figuras grandes, a presença de dentes e detalhes nas mãos (presença ou ausência de dedos, tamanhos diferenciados) (BARTHOLOMEU, 2005; BAUERMANN, 2012; ESTEVES; ALVES; CASTRO, 2008; HAMMER, 1991; KOPPITZ, 1966; NAGLIERI; MCNEISH; BARDOS, 1991; SANTOS et al, 2010; VAN HUTTON, 1994; VAN KOLCK, 1972; WECHSLER et al, 2011; WECHSLER, 2012).

No entanto, observação importante sobre a maioria dessas pesquisas, tanto nacionais como internacionais, se faz necessária: em grande parte das vezes, para as análises de indicadores emocionais, os autores já baseavam-se previamente nas análises proposta por Koppitz (1966). Tal análise não inclui a investigação do item vestimenta, o que pode explicar a baixa frequência de investigações encontradas sobre a possível representação

desse indicador enquanto emocional. Outro aspecto interessante a ser analisado é que algumas evidências de validade, assim como estudos na área, apontam esse indicador como mais representativo de desenvolvimento cognitivo do que emocional (SISTO, 2005; WECHSLER, 2003). No entanto, por meio do presente estudo empírico pode-se dizer que ele também funcionou enquanto emocional, ainda que em grupo bastante reduzido, fato que pode ter influenciado os resultados, de modo que merece ser melhor investigado futuramente.

De acordo com a própria autora Koppitz (1966), os indicadores que não revelassem acréscimos com o aumento da idade, ou fossem raros (presentes em menos de 15% da população – também denominados de itens excepcionais), deveriam ser considerados emocionais e não desenvolvimentais. Em análise dos estudos psicométricos presentes no manual do instrumento foco de análise do presente estudo (WECHSLER, 2003), em nenhum momento encontra-se o indicador “roupas femininas” enquanto um subitem excepcional, dentro da faixa etária que compôs a amostra desse estudo (dos 9 aos 11 anos), tanto para meninos como meninas. Pelo contrário, tal item varia entre as idades e sexos das crianças enquanto um indicador esperado (corriqueiramente presente em 86 a 100% da amostra normativa) ou comum (presente em 51 a 85%). De mesma forma, para os outros subitens que compõem o item “vestimenta” na figura feminina há uma variabilidade na distribuição do que seria esperado para cada faixa etária e sexo da criança. Tais subitens se distribuem frequentemente entre os indicadores esperados, comuns e incomuns (presentes em 16 a 50% da amostra), mas muito raramente entre os excepcionais.

A partir desses dados, indaga-se: seria o item vestimenta um possível indicador necessário de maiores investigações enquanto possibilidade de indicador emocional, especificamente na população brasileira? Convém salientar que não se almeja que esse item isoladamente possa ser

utilizado na identificação de traços agressivos em crianças, mas que possa ser considerado como um possível indicador, caso estudos posteriores confirmem os dados aqui apresentados. Reconhece-se a necessidade de que outras estratégias avaliativas sejam utilizadas em conjunto (tais como entrevistas, observações e outros testes psicológicos) a fim de que o diagnóstico e avaliação possam ser realizados.

Convém destacar que críticas à validade isolada de itens para avaliação emocional foram levantadas na literatura científica (BANDEIRA; ARTECHE, 2008), sugerindo que a análise dos desenhos apresenta melhores indicadores de evidências de validade e precisão quando são utilizadas avaliações globais. Opinião similar é defendida por Naglieri et al (1991) ao argumentaram que o modelo que considera o total de indicadores no desenho seria mais adequado do que relacionar item a item com determinada patologia. Entretanto, Nunes, Teixeira, Feil e Paniagua (2012) destacam, nesse sentido, que nenhum estudo com esse perfil tenha sido concluído no Brasil até o momento.

Por fim, para o dado também encontrado aqui, de que houve menores pontuações no total do teste pelas crianças com queixas de agressividade, sem, contudo, isso interferir na classificação, nenhuma pesquisa com que apontasse resultados semelhantes ou contrários foram encontradas. Provavelmente isso decorreu em razão do objetivo desse estudo, que foi o de comparar o efeito de queixas de agressividade na avaliação de características cognitivas do DFH, e praticamente não foram encontradas pesquisas semelhantes na literatura. De toda forma, pode-se inferir que, então, o fator agressividade pode ter efeitos sobre a pontuação do DHF-III (WECHSLER, 2003), de medida cognitiva, favorecendo piores médias, porém, sem interferir na classificação que seria obtida pela criança. Provavelmente tal resultado foi encontrado pela agressividade não ter oferecido uma influência tão significativa sobre a medida

cognitiva como um todo.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos da pesquisa foram atingidos, os principais achados do presente estudo foram as diferenças encontradas no item vestimenta e no total do desenho da figura feminina, bem como no total bruto da figura humana do grupo de crianças com queixas de agressividade, mas ainda assim não é possível afirmar que o DFH-III seja sensível para avaliar aspectos emocionais de crianças. Cabe ressaltar a necessidade de novas pesquisas na área, com amostras maiores, com maior variabilidade de faixa-etária, com divisão menos desigual entre os gêneros (uma vez que aqui a amostra foi majoritariamente masculina) e com o uso de instrumentos já normatizados ou com evidências de validade na seleção das crianças com e sem queixas. Desse modo, espera-se que os resultados aqui encontrados e os futuros sejam passíveis de generalização e indicadores emocionais de agressividade possam ser identificados com maior precisão, assim como sua influência sobre os modelos cognitivos de correção.

6 – REFERÊNCIAS

ACHENBACH, T. M. Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and 1991 Profile. Burlington, VT: University of Vermont, Department of Psychiatry, 1991.

ACHENBACH, T. M. Manual for the Child Behavior Checklist/6-18 and 2001 Profile. Burlington: University of Vermont, Department of Psychiatry, 2001.

ANGELINI, L. A.; ALVES, I. C. B.; CUSTÓDIO, E. M.; DUARTE, W. F.; DUARTE, J. L. M. Matrizes progressivas coloridas de Raven: Escala especial (Manual).

São Paulo: CETEPP, 1999.

ARTECHE, A. X. Indicadores emocionais do desenho da figura humana: Construção e validação de uma escala infantil. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BARTHOLOMEU, D. Traços de personalidade e características emocionais de crianças. *Psic: revista da Vetor Editora*, v. 6, n. 2, p. 11-21, 2005.

BAUERMANN, M. Indicadores de agressividade através do Desenho da Figura Humana. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BORSA, J. C.; BANDEIRA, D. R. Uso de instrumentos psicológicos de avaliação do comportamento agressivo infantil: Análise da produção científica brasileira. *Avaliação Psicológica*, v. 10, n. 2, p. 193-203, 2011.

BORSA, J. C.; BAUERMANN, M. O Desenho da Figura Humana na avaliação da agressividade infantil. *Avaliação Psicológica*, v. 12, n. 2, p. 273-274, 2013.

CRAIG, R. J.; OLSON, R. E.; SAAD, S. Figure-drawing indices of psychological accessibility. *Psychological reports*, v. 91, n. 3f, p. 1213-1221, 2002.

ESTEVES, C.; ALVES, I. C. B.; CASTRO, P. F. Indicadores de agressividade nos Desenhos da Figura Humana realizados por homens que cometeram delitos. *Boletim de Psicologia*, v. 58, n. 128, p. 15-38, 2008.

- GOMES, L. B.; CREPALDI, M. A.; BIGRAS, M. O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia* (Ribeirão Preto), v. 23, n. 54, p. 21-29, 2013.
- GRAMINHA, S. S. V. Problemas emocionais/comportamentais e nível de escolaridade da criança. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 48, n. 3, p. 16-29, 1996.
- HAMMER, E. F. (Org.). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1991.
- KLEPSCH, M.; LOGIE, L. Crianças desenharam e se comunicam: uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- KOPPITZ, E. M. Emotional indicators on human figure drawings of children: A validation study. *Journal of Clinical Psychology*, v. 22, p. 466-469, 1966.
- MACHOVER, K. *Personality projection in the Drawing of the Human Figure*. Illinois: Charles C. Thomas, 1949.
- MATTO, H. C.; NAGLIERI, J. A.; CLAUSEN, C. Validity of the Draw-a-Person: screening procedure for emotional disturbance (DAP: SPED) in strengths-based assessment. *Research on Social Work Practice*, v. 15, n. 1, p. 41-46, 2005.
- MENDES, D. D.; MARI, J. J.; SINGER, M.; BARROS, G. M.; MELLO, A. F. Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 31, n. 2, p. 577-585, 2009.
- NAGLIERI, J.; MCNEISH, T.; BARDOS, A. *Draw a Person: Screening procedure for emotional disturbance*. Austin, Texas: Pro. Ed, 1991.
- NUNES, M.L.; TEIXEIRA, R.P.; FEIL, C.; PANIAGUA, R. O desenho da figura humana: uma perspectiva histórica. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T. C. (Orgs). *O desenho infantil: formas de expressão cognitiva, criativa e emocional*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- OLIVEIRA, S. E. S. *Construção de escalas clínicas do desenho da figura humana para crianças de 6 a 12 anos: normas e evidências de validade*. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- Resolução CFP nº 2/2003. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2003. Recuperado em 27 julho 2011, de http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2003_2.pdf
- SANTOS, B. C. A.; RIBEIRO, M. C. C.; UKITA, G. M.; PEREIRA, M. P.; DUARTE, W. F.; CUSTÓDIO, E. M. Características emocionais e traços de personalidade em crianças institucionalizadas e não institucionalizadas. *Boletim de Psicologia*, v. 60, n. 133, p. 139-152, 2010.
- SATEPSI – Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos. Acedido Julho 27, 2014, em <http://satepsi.cfp.org.br/listaTeste.cfm>

- SEGABINAZI, J. D. Desenho da figura humana: evidências de validade de escalas globais de avaliação. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SEGABINAZI, J.; BANDEIRA, D. R. Desenho da Figura Humana para avaliação emocional de crianças: evidências de validade de escalas globais. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T. C. (Orgs). O desenho infantil: formas de expressão cognitiva, criativa e emocional. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- SISTO, F. F. Desenho da Figura Humana-Escala Sisto. São Paulo: Editora Vetor, 2005.
- SISTO, F. F.; BARTHOLOMEU, D.; SANTOS, A. A. A.; RUEDA, F. J. M.; SUEHIRO, A. C. B. Funcionamento diferencial de itens para avaliar a agressividade de universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 21, n. 3, p. 474-481, 2008.
- SISTO, F. F.; BAZI, G. A. P. Escala de Agressividade para Crianças e Jovens (relatório técnico). Faculdade de Educação: UNICAMP, 2000.
- SISTO, F. F.; SILVEIRA, F. J.; CECILIO-FERNANDES, D. Jovens delinquentes e universitários agressivos: diferenças comportamentais. *Psico-USF*, v. 17, n. 2, p. 205-214, 2012.
- SKYBO, T.; RYAN-WENGER, N.; SU, YING-HWA. Human figure drawings as a measure of children's emotional status: critical review for practice. *Journal of pediatric nursing*, v. 22, n. 1, p. 15-28, 2007.
- VAN HUTTON, V. House – Tree – Person and Draw – A – Person as Measures of Abuse in Children – A Quantitative Scoring System. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, 1994.
- VAN KOLCK, O. L. O Desenho da Figura Humana em casos especiais. *Boletim de Psicologia*, v. XXIV, n. 64, p. 89-121, 1972.
- VIEIRA, T. M.; MENDES, F. D. C.; GUIMARÃES, L. C. Aprendizagem social e comportamentos agressivo e lúdico de meninos pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, n. 3, p. 544-553, 2010.
- WECHSLER, S. M. DFH-III: O desenho da figura humana: avaliação do desenvolvimento cognitivo infantil (3ª edição ampliada e atualizada). Campinas: Impressão Digital do Brasil, 2003.
- WECHSLER, S. M. O desenho da figura humana: medida cognitiva, criativa ou emocional. In: WECHSLER, S. M.; NAKANO, T. C. (Orgs.). O desenho infantil: forma de expressão cognitiva, criativa e emocional. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2012. p. 15-32.
- WECHSLER, S. M.; PRADO, C. M.; OLIVEIRA, K. S.; MAZZARINO, B. G. Desenho da Figura Humana: Análise da prevalência de indicadores para avaliação emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24, n. 3, p. 411-418, 2010.
- WECHSLER, S. M.; SCHELINI, P. W. Validade do Desenho da Figura Humana para avaliação cognitiva infantil. *Avaliação Psicológica*, v. 1, n. 1, p. 29-38, 2002.

WECHSLER, S. M.; PRADO, C. M.;
OLIVEIRA, K. S.; MAZZARINO, B. G.
Desenho da figura humana: análise da
prevalência de indicadores para avaliação
emocional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 24,
n. 3, p. 411-418, 2011.

WITKIN, H. A. Cognitive development and the
growth of personality. *Acta Psychologica*, v. 18,
p. 245-257, 1961.

Recebido em: 16.05.2015

Aceito em: 20.08.2015